ANO 5.º

Sexta-feira, 5 de Abril de 1912

NUMERO 215

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

(*)

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

SEMANA SANTA

O Golgotha de Verin

Morreu o *Cristo!*

Mas este *Cristo* não é o Jesus, o palido e dôce Nazarêno, que envolto na auréola daquêle stoicismo suave, se defrontou com a negra tragédia da morte, sem um sinal de desalento, uma léve prova sequer de fraquêsa!

Este *Cristo*, não é aquêla figura sugestiva e poderosamente insinuante que pedia para que deixassem dêle aproximar-se as criancinhas e arrancáva humilhada e contrita, do seu estonteante e venal invólucro de pecadôra, a Madalena arrependida!

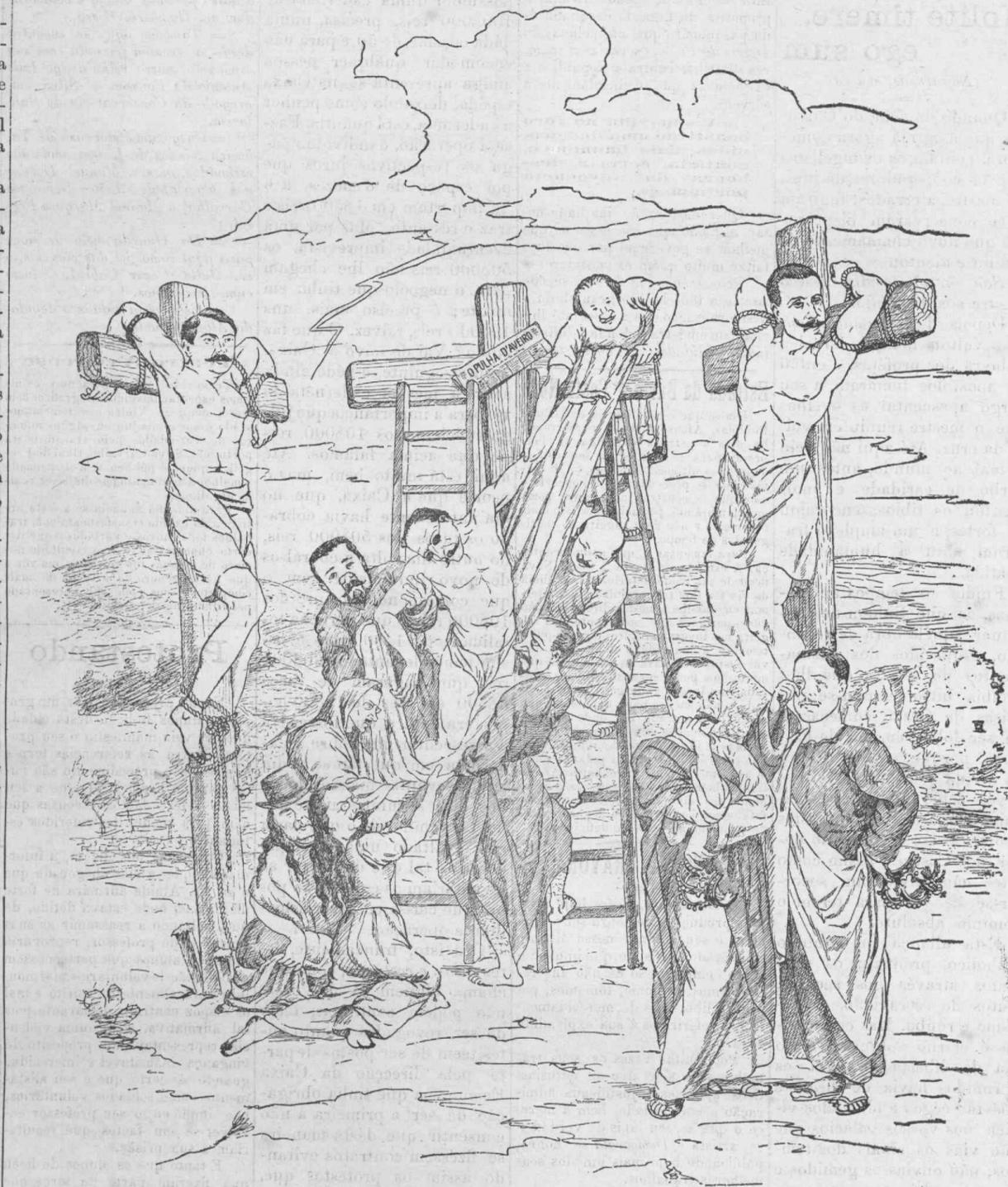
Este *Cristo* não é o possuidor daquêle braço que tantas desventuras protegeu e corpos vestiu, empunhando no unico momento de cólera de toda a sua vida, o látego com que enxutou, flagelando-os, os vendilhões do templo.

Não é o Cristo que, emquanto mandava atirar a pedra áquêles que se considerássem alheios ao pecádo—para evitar um crime—assombrava a sociedade de então, com o grandioso principio da sua doutrina que o levou ao infamante patibulo!

Este *Cristo* não disse, como o filho de Deus—pregádo na cruz—nas horas amarissimas da sua torturante agonia: *in manus tuas Domine, commendo spiritum meum—nas tuas mãos Senhor, encomendo o meu espirito!*

Não ouviu êste *Cristo* os suspiros lancinantes e os ais dolorosos da sua mãe santissima, que no auge da sua dôr exclamáva, erguendo para o ceu as mãos trémulas e os olhos cobertos de amargas lagrimas: *ó vós omnes qui transitis per viam, attendite et videte, si est dolor similis sicut dolor meun—O' vós que passais, reparai e vêde se ha dôr egual á minha!*

Não morreu este *Cristo* no Golgotha entre o Dimas, o bom, e Gestas, o mau ladrão, ouvindo as suplicas anciosas de perdão daquêle; êste *Cristo* morreu entre dois maus ladrões—amaldiçoando a mãe patria, no alto dum outeiro de Verin, onde, com os seus apostolos da traição, tanta vez tentou contra éla, inutilmente.

Este na derradeira hora da sua vergonhosa existencia moral, que tão miseravel e repugnantemente, dia a dia, momento a momento, se foi apagando, não têve como o verdadeiro Cristo, a devota unção e a purêsa da crença de José de Arimathea e Nicódemos apeiando-o do afrontoso lenho, onde o seu corpo se cobrira do suor agonisante, onde a sua vida, ao apagar-se, tivéra o ultimo estremeção.

Não têve, como o verdadeiro Cristo, as mãos mimosas de sua divina mãe, amparando-o no seio terno, sacrário divino de todo o amôr maternal, nem as bélas tranças pretas de Madalena cobrindo-lhe os pés orvalhados com as suas lagrimas quentes e dolorosas.

Este não; este, rasgando algumas poucas e bôas paginas da sua vida, esquecendo e calcando sagrados compromissos, não morreu como Jesus Cristo elevádo e firme na sua crença, exclamando: *Pater ignosce illis, quia nesciunt quid faciunt—Pae perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!*

O *Cristo* de quem aqui comemorâmos a morte, acabou estorcendo-se no horror da sua obra: alucinádo, herético espumante!

Os dois companheiros da cêna, Paiva Couceiro e Alvaro Chagas, nésta afrontosa exposição, ladeando *o mestre*—esses, é que repetiram com verdade, a frase dos seus émulos de ha mil e novecentos anos—*Nos quidam digna factis recipimus—nós recebemos a paga do que fizémos.*

E entre os companheiros, representados nêste quadro, o repelente *Mijarêta* diléto discipulo que esse *Cristo* fizéra e educára—cinico e devasso—lá está êle, lá está êle no braço da cruz, arreando o corpo mefitico do *mestre* de quem, imitando a veradeira cêna do calvario, jogou aos dados, ganhando-a, não a tunica leve e aromatisada de alecrim e rosmaninho, como a do verdadeiro e bom Jesus, mas a farda avíltada do capitão bandalho, farda que este tanto deshonrou de toda a fórma e por todos os processos.

O acaso encarregou-se, com verdade, da merecida distinção.

E o resto, os companheiros dedicados da obra diabolica dos ultimos tempos dêsse nefando *Cristo*, aí estão cercando e amparando-lhe o *cadaver*, que pela fôrça das circumstancias vão atirar ao esterquilinio, não o abandonando, porém, até á ultima.

E' a derradeira prova da sua devota dedicação ao purulento *Cristo* com quem êles em vida tanto se identificáram, constituindo uns, comissões angariadôras de fundos para a deprimente campanha por êle sustentáda contra todos que não chafurdassem no mesmo lamaçal, outros servindo-o e fazendo vingar nas instancias superiores as maldições que êle lançáva.

Aí estão, os fervorosos cooperadores da sua obra maldita, o *Chico Tezo*, o *Tinhoso*, o *Mariano Miguel* e as tres Marias—a *Caipira*, a *Candeias* e a *mulher do Anicéto*, integrádas nas pessoas do *Trastilho*, do *Invertido* e do *Fatia*.

Ninguem melhor do que êles em toda a sua alta significação moral, poderiam desempenhar neste momento o papel que representam.

Amarga ironía da sorte!

Tristissimo exemplo de desmoralisação.

Aquêles que hoje expômos, confundidos com o *mestre*, recebêram dêste, noutras éras, bem proximas, as designações com que aí os indicâmos, além das excumunhões maiores com que fôram fulminados, como o *Mijareta*, atualmente o mais diléto *filho* dêsse *Cristo* que hoje morre!...

* * *

Quando o verdadeiro martir do Golgotha coroádo de espinhos, açoitado, cuspido afrontosamente e vêxado pela multidão ignara, se dirigia para o Calvario, conduzindo o proprio instrumento da sua tortura—a cruz—foi esta encimáda pela irónica designação de—Jesus nazarêno rei dos judeus!

O *Cristo* que aí exibimos, não tem no alto da sua cruz a indicação satirica com que os fariseus ridicularisaram o filho de Maria; êste tem o pungente distico que contém o miseravel evangelho, a triste biblia de todas as suas *virtudes*, o libélo vivo da degradação de toda a sua vida: —*O Pulha de Aveiro.*

Nêle se resume, pagina a pagina, linha por linha, toda éssa vida de crápula e de crime, de profunda miséria moral, patenteada na tristissima vida dêsse *Cristo*, corroído por todas as podridões, escorrendo pús por todos os lados. Ele desde o primeiro momento falseou a missão a que se impôz, ludibriando quantos dêle se acercáram.

Aparentando a intransigencia mais absoluta pela verdade e purêsa das suas doutrinas, conseguiu até cérto tempo, baseando-se na intangibilidade dos seus principios, impôr-se, ainda que combatendo os mais devotados lutadores pelo ideal democratico.

Mas afinal, desafivelou-se-lhe a mascara e eil-o na núa hediondez do seu crime, envolto na crua verdade dos factos, cingindo com um braço o representante da monarquia, com outro, aconchegan-

do ao peito a figura negra do jesuita!

E então, como a misera que, cravádos os dentes no fruto do pecado, deslisa, com cinico descaramento, de quéda em quéda até ao ultimo extremo da degradação humana, assim êsse *Cristo* com revoltante impudor, deixou de esconder a infamissima baixêsa da sua conduta, exibindo-se no tal imundo papel, tal qual era, sem rodeios, clara, franca e decididamente, apostolo até ao sectarismo de todos os principios que outr'ora afincáda e valorosamente combatêra.

E ésta transformação, operada lenta e cautelosamente, atingiu de subito o seu auge, caraterisada com todas as baixas e repelentes manifestações vulgares dum não menos vulgar miseravel, desde a ganancia, que repugna, á traição, que se abomina!

Ninguem mais do que o triste personagem aqui exposto reune de maneira tão completa e absoluta na sua individualidade a ultima demonstração inconfundivel e indiscutivel da baixeza de sentimentos, quer como politico, quer como cidadão.

Um verdadeiro monstro!

Bem, muito bem se lhe póde aplicar, sem receio de êrro, a maxima relativa a Judas:

Bonum erat ei si natus non fuisset homo ille—Melhor teria sido áquêle homem não ter nascido.

* * *

As almas candidas que nos lêrem, não estremêçam, apavoradas, julgando vêr no que escrevêmos a heresia e a descrença, onde apenas ha o confronto flagrante entre a sublime grandêsa dum Cristo e a asquerosa e condenada pequenez doutro *Cristo*.

Sômos assim. E por isso—ó almas puras, imaculadas e bôas!—dizei comnôsco, com a mesma unção que nêste momento nos anima, três *avé-marias*: a primeira pela salvação de todas as almas enegrecidas pelo negro pecádo da traição; a segunda para que desperte no coração dos que gémem nas prisões a luz benéfica do arrependimento e o sentimento luminoso do patriotismo e a terceira pelas almas que sófrem no Purgatorio... da fronteira.

Jesus Maria José...

AFASTAMENTO

Deixou de ser director do *Correio de Aveiro*, o sr. dr. Cherubim Valle Guimarães a quem, segundo parece, cheirou mal aquéla homenagem, que, para se dar ares de importancia, foi prestáda pelo companheiro José Maria, comemorativa do aniversário dêste, com retrato, parabens e tudo.

Andou ás horas e só o têmos que louvar pelo gésto para o qual—não é verdade sr. doutor?—contribuimos quanto nos foi possivel.

"Julgar Deus,,

E' um volume de 172 paginas que acabâmos de receber oferecido pelo seu autor, o major sr. Albino Estevam de Victoria Pereira.

Destinádo á propaganda do livre pensamento, *Julgar Deus*, é um trabalho de alta transcendencia filosofica em que o seu autor, com toda a simplicidade de frase, se esfórça por libertar os espiritos da tutéla nefasta dos jesuitas e das congregações religiosas, mostrando o quanto de falso ha nas doutrinas espalhádas pelos astuciosos apostolos da divindade cristã.

Merece ser lido este livro. Ha nêle muito que aprender e observar, bastante que reflétir e não menos que ponderar nos diferentes capitulos de que se compõe, cheios de lógica, de verdade e de razão.

O sr. major Albino Pereira dedica a sua obra ao eminente homem de Estado, dr. Afonso Costa e ao Grão-Mestre da Maçonaría Portuguêsa, dr. Magalhães Lima, dos quais publíca nas primeiras paginas, nitidos retratos.

Agradecêmos, reconhecidos, o *Julgar Deus*.

GOVERNADOR CIVIL

Regressou na segunda-feira á noite de Lisboa, o sr. Ribeiro de Almeida, ilustre governador civil de Aveiro.

Com sua ex.ª estivémos no dia seguinte largo tempo pelo que mais uma vez nos foi dado conhecer o quanto se interessa por todos os negocios que dizem respeito á administração da vasta circunscrição que superiormente dirige e para os quais encontrou nas instancias superiores imediáta solução com a promessa de, bréve, serem resolvidos outros assuntos pendentes dos varios ministérios a que estão afectos.

Sobre a sua permanencia no logar, podêmos garantir tambem que não ha, a tal respeito, nada que autorise a supôl-o demissionário. O que sucedeu foi apenas um ensaio de determinádos elementos de Agueda, com compléto desconhecimento do sr. ministro do Interior, que nem por sonhos pensou ou podia pensar na substituição do sr. Ribeiro de Almeida, por o individuo de que aqui falámos.

Nolite timere, ego sum

(Não temáis, sou eu)

Quando da cêna do Calvario que a egreja agora comemora, contam os evangelistas que os cooperadores da obra do mestre, aterrados, fugiram e se conservaram dispersos até que novo chamamento os reuniu e alentou.

Sou eu, não temáis, disse o mestre aos discipulos.

Depois do *consumatum est*, não voltou mais a Israel a palavra dos profétas, e então os apostolos tomaram a seu cargo apascentar as ovelhas que o mestre reuniu em volta da cruz. Até aqui não veiu o mal ao mundo, antes um verbo de caridade e amôr alentou os tibios, encorajou os fortes e um amplexo fraternal uniu a humanidade abatida.

Findos os tempos apostolicos, os que tinham de continuar aquéla obra de redenção, esquecidos dos ensinamentos do mestre que lhes proíbia intrometerem-se nas coisas de Cesar, começaram de ser lobos em vez de pastôres, porque o bom pastôr dá a vida pelas suas ovelhas, e vós como lobos as trucidais. E para isto buscastes apoiar a vossa força no poder dos Cesares, assim como estes não duvidáram socorrer-se de vós para terem o dominio absoluto.

Esta aliança ou conubio diabolico, produziu os seus frutos através dos seculos, frutos de escravidão, despotismo e roubo. Mas como nada é eterno sobre a terra o dia de libertação para os oprimidos havia de chegar e vós tão cégos e alheiados vivieis nos vossos palacios que não vias os sinais dos tempos; não ouvias os gemidos e lamentos dos povos; não reparavas que Israel tombou para mais não se erguêr; que Roma caía pela podridão dos Cesares; não vistes mesmo que da tiára se desengastou o poder temporal para mais não voltar!!!

Não temáis. O mestre disse que nada se movería sobre a terra sem a sua vontade. E como todo o poder vem de Deus, a Republica é obra de Deus. E como são verdades dogmaticas—*o Beati estis cum maledixerint vobis homenes et persecuti vos fuerinte propter me. Gaudete et exultate, quoniam merces vestra copiosa est in celo—Felizes sereis quando vos amaldiçoarem os homens e perseguirem por causa de mim. Então, exultai de alegria, porque a vossa recompensa será nos ceus.*

Nolite timere—Não temáis. Tendes até obrigação de mandar a Afonso Costa um agradecimento por êle vos ter proporcionado tão grande bem e deixai as cousas do mundo, para os outros que a élas não renunciáram.

Quanto á egreja, *nolite timere*—não temáis; *portae inferi non prevalebumt adversus eam—as portas do inferno não prevalecerão contra éla*, está escrito...

Mas agora reparâmos: vós não chorais a egreja; chorais o lustre episcopal que desapareceu, chorais o potentado que não mais tereis, chorais de raiva por não poderdes esmagar a liberdade que agora fruimos.

Pois lamentai-vos á vontade; nós, se não fôra estarmos na semana santa, cantariâmos um *Te-Deum*.

Da *Folha Nova*, nosso intemeráto coléga da cidade invicta, a proposito da fuga do desqualificádo pasquineiro que, nas colunas do *Diario do Porto*, escrevia as maiores diatribes contra a Republica e os homens que dedicadamente a sérvem:

«A sua vida no fôro constitue uma das cronicas mais imundas e, contáda, sería a deshonra da advocacía portuense».

Querêmos crêr. Mas hade notar a *Folha* que são esses os que melhor se governam por não lhes faltar muito quem os considére.

Pelo menos em Aveiro sucéde isso; e a tão elevádo grau subiu a desmoralisação que a esses até lhe chamam em letra redonda—*lidimas individualidades da nossa terra!*

Estrada da Barra á Costa Nova

Diz-se que o sr. director das Obras Públicas, Afonso Cabral, percorrendo ha dias a estrada que liga as duas praias para se inteirar do seu estádo depois dos ultimos temporais, foi de opinião que se proceda ao seu concerto e não que se construa uma nova, como aqui lembrámos, por acharmos isso mais economico e não ficar sugeita ás contigencias do tempo.

Para lamentar é que assim aconteça. A estráda da Barra á Costa Nova ficou de tal modo deteriorada, a cheia da ria fez-lhe tais prejuizos, que ateimar em dar-lhe a mesma directtiz é não vêr o perigo a que novamente fica sugeita nos invernos futuros e consequentemente a inutilidade duma obra que vai custar mais cára do que aquéla que muito bem podia ser estudada e executáda com largas vantagens para o Estado e não menos para o público que assim tería estrada por onde pudésse transitar sempre, sem interrução.

Mas ainda é tempo de reflétir visto não estar dada a ultima palavra sobre o assunto. E o sr. engenheiro Afonso Cabral bem fará ponderando-o e atendendo aos diversos prós e contras que fatalmente se lhe hão-de deparar antes de tomar uma resolução definitiva.

A NOSSA GRAVURA

O Democrata, insére hoje mais uma produção que honra sobre maneira o seu autor, e nosso distinto colaborador artistico, que impondonos o compromisso de não lhe escrevermos o nome, tomâmos, porém, a liberdade de, merecidamente, nos referirmos á sua explendida obra.

Por muitas vezes os seus trabalhos têm sido alvo de entusiasticos aplausos e justificada admiração e, em verdade, bem a merece o que ao seu lapis de verdadeiro artista o *Democrata* se honra, publicando hoje mais um dos seus melhores trabalhos.

Filho désta terra, modesto e probo, não tem sido só entre nós que êle se tem distinguido, na justa conquista duma classificação de destaque, pois muito distante da sua patria deixou engrandecido, como bom patriota e artista que é, o seu nome, erguendo bem alto tambem o nome português com a execução primorosa duma paisagem, uma caricatura, uma planta, um estudo.

Tem a intuição e natural tendencia para a arte, não encontrando por isso dificuldade que não vença sem grande resistencia, como já por varias vezes tem demonstrado.

Significando-lhe o *Democrata* o seu aplauso entusiastico pela explendida pagina que hoje lhe proporciona, associa-se, sem duvida, a êsse aplauso o encomio público com que, por cérto, o seu bélo trabalho é recebido.

CAIXA ECONOMICA

Como era natural, a pequena noticia da semana finda levou ao espirito de muitos dos nossos leitores a curiosidade de saberem o que se passava de extraordinario no seio da importante casa prestamista local e de aí um chuveiro de interrogações, que nos vimos embaraçados para nos desenvencilhar do circulo em que fômos envolvidos e a todos explicar que não havia motivos para sustos porquanto se trata apenas dum uso antigo a revogar sem perda de tempo, por não haver lei, regulamento ou disposição escrita que se invoque a favôr dos encarregados da direcção da Caixa e por isso responsaveis por tudo quanto ali se pratica.

Eis o caso: um individuo, possuidor duma cadernêta de 100$000 reis, precisa, numa dáda ocasião, de 50, e para não encomodar qualquer pessoa amiga apresenta-se na Caixa e péde, deixando como penhor a cadernêta, tal quantia. Faz-se a operação, o individuo pága os respectivos juros que por espaço de 6 mezes, a 6 °/o, importam em 1$500 reis e traz o restante. Mas por uma eventualidade imprevista, os 50$000 reis não lhe chegam para o negocio que tinha em mente; é preciso mais, uns 10$000 reis, talvez. O que faz então? Vai de novo á Caixa, no dia seguinte, e péde ainda sobre a mesma cadernêta da vespera a importancia que julga suficiente, os 10$000 reis de que acima falâmos. Até aqui está muito bem, mas o peor é que a Caixa, que no dia antecedente havia cobrado os juros dos 50$000 reis, no outro dia volta a cobral-os de novo juntamente com o que corresponde ao juro dos 10$000 reis o que perfaz a totalidade de 1$800 reis e assim têmos levantados 60$000 reis que pagaram de juros 3$300 em vez de 1$800 como era logico que fosse. Ha a acrescentar que sobre a cadernêta em questão se podia ainda levantar mais dinheiro nos dias seguintes aí até aos noventa mil reis o que daría em resultado uma absorção de juros tal que de horror se levantariam os cabêlos do pobre que caísse em fazer semelhante operação.

Ora isto, francamente, êstes *usos e costumes*, como lhe chama alguem lá da casa, não pódem continuar; teem dê ser revogados quanto antes, teem de ser postos de parte pela direcção da Caixa Economica que tinha obrigação de ser a primeira a não consentir que désta maneira se fizéssem contratos evitando assim os protestos que, contra a util instituição, se têm levantádo.

Oxalá que ao menos reflita agora e se chegue a convencer de que o público, que necessita, tem direito a não ser explorádo.

Assaltos ás capoeiras

Não andam, positivamente, em maré de sorte os possuidores de galinhas, galos, pintos e outras aves de comer com ervilhas ou mesmo sem élas. Assim, os ratoneiros, que nenhum respeito costumam guardar aos dônos das capoeiras, porque senão tambem as não assaltavam, fôram um dia déstes ali ao quintal da sr.ª Maria Rita, e, sem mais preambulos,—não lhes conto nada—limpáram tudo. Farta-se de chorar a nossa visinha, mas de que vale isso? Os malvádos não teem coração; a quadrilha, que para praticar essa má acção, *se apoderou das trévas da noite*, não quer saber de desgraças. Chóra a sr.ª Maria Rita? Deixal-o. Ninguem a mandou juntar as doze *penósas* na capoeira, mórmente na época que atravessâmos, obrigáda a jejuns, e que por isso mesmo nada mais natural do que ter uma tentação...

E' que os marôtos guiam-se por êste principio—*ólhos que não vêem não pécam...*

Sociedade de Estudos Pedagogicos

Pelo nosso colaborador sr. Humberto Beça, foi apresentado á Sociedade de Estudos Pedagogicos de Lisboa um relatorio sobre a organisação dos cursos comerciaes professados na Escola Pratica Comercial Raul Dória, de que é professor, cursos que fôram organisados por este professor de colaboração com o director da Escola, sr. Raul Dória.

A Sociedade de Estudos Pedagogicos, que altamente se vem interessando pelo desenvolvimento da instrução no país, nomeou ultimamente uma comissão composta dos srs. Antonio Quartim, Bernardino Cardoso e Gonçalves, para apreciar o mesmo relatorio e sobre êle dar o seu parecer.

NOTAS DA CARTEIRA

Veio na quarta feira a Aveiro, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso presado amigo e colaborador, sr. Humberto Bessa.

= Tambem aqui se encontra desde a semana passada com sua esposa o nosso velho amigo Luis Antonio da Fonseca e Silva, empregado da Conservatoria de Santarem.

= Chegáram á sua casa de Taboeira, vindos de Lisboa, onde são estimádos, os srs. Manuel Domingos Carvalhal, João Domingos Carvalhal e Manuel Marques Ferreira.

= Da Guarda veio de novo para aqui como fiel dos correios, o sr. Julio Cezar Cabral, a quem cumprimentâmos.

= Está nésta cidade o deputado Alberto Souto.

Teatro Aveirense

Teem sido devéras atraentes os ultimos espectaculos cinematograficos com que a empreza Vieira nos tem mimoseádo e aos quais juntou alguns numeros de variedades pelo transformista português, Silva Carvalho, rival de Fregoli, a quem o público tem dispensado o melhor acolhimento por disso ser realmente digno.

Para ámanhã anuncia-se a festa artistica do eximio transformista com trabalhos todos novos e variados o que decérto chamará ao teatro avultádo numero de pessoas interessadas em vêr o que nêste genero de arte ha de mais completo e nos póde ser apresentádo pelo distinto compatriota.

Protestando

Fômos procurados por um grupo de alunos do liceu desta cidade que nos veiu manifestar o seu protesto contra as referencias torpes que ao seu procedimento são feitas por um papel local, que a seu modo refere factos e cousas que nem pela mente dos referidos estudantes passou.

Conforme nos dizem, a informação que a êles chegou de que o sr. dr. Ataide afirmára no forte de Caxias, onde estava detido, de que, voltando a reassumir as suas funcções de professor, reprovaria todos os alunos que pertencessem ao batalhão de voluntarios, alarmou-lhes naturalmente o espirito e mal os dispoz contra o declarante, pois tal afirmativa, além duma violencia, representava um proposito de vingança inaceitavel e imerecida, quando é certo que o seu alistamento como soldados voluntarios, não implicou o seu professor envolver-se em factos que resultariam a sua prisão.

E tanto que os alunos do liceu que fizeram parte da força que acompanhou os presos, entre os quais seguiu o sr. Ataide, tinham já resolvido entre si, pedir ao comandante a sua substituição no caso de que a algun dêles fôsse destinado a acompanhar aquêle professor.

Não sucedeu assim e se êles fizeram parte dêsse destacamento foi num cumprimento dum devêr, como marchariam para o desempenho doutro qualquer serviço, até ao sacrificio da vida, se assim fôsse preciso.

Afirmado, portanto, pelo sr. Souza Maia, aluno da escola normal, como o sr. Ataide, preso no referido forte, que tal declaração era verdadeira e por êle fôra ouvida, alguns alunos manifestaram-se no proposito de fazerem colectivamente uma manifestação de regosijo á chegada do mestre.

Como consequencia, porém, da declaração atribuida ao sr. Ataide dividiram-se as opiniões e ficou assente que cada um, individualmente, se manifestasse como melhor entendêsse—não se dando até hoje entre professor e alunos o mais leve incidente, nem estes nunca pretenderam qualquer demonstração de desrespeito ou violencia, é claro,—disséram-nos êles,—sem que haja manifesta rasão para se proceder doutra fórma.

De resto, tudo quanto êsse papel escreve é absolutamente falso, desejando apenas estabelecer como verdadeiro quanto a sua pena, por qualquer interesse entendeu escrever a tal respeito e que êles repélem energicamente.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

ABRIL

DIAS	PHARMACIAS
7	RIBEIRO
14	ALLA
21	BRITO
28	REIS

S. THOMÉ

Áquêles dos nossos presádos assinantes da importante possessão ultramarina, que, tendo sido avisádos pelo correio para pagarem a sua assinatura, o não fizéram por qualquer circumstancia, rogâmos a finêsa de nos remeterem os seus débitos em vale, o que muito agradecêmos nésta ocasião, destinâda á cobrança do ultramar.

VENTOSAS

Meu caro Arnaldo

Quando me preparáva para te mandar as *Ventosas* dêste numero, ouvi de subito gemer dolentemente, debaixo das minhas janelas, uma desafinada rabeca com uns violões, e no espaço erguer-se uma menos mal timbrada vóz de tenorino, na cantiga arrastada e tristonha do fado, dêsse fado profundamente triste, na sua monotonia invariavel, que os cégos usam para os seus versos de vaticinios e de crimes.

Irritou-me e comoveu-me a cantilêna, e chegando á janéla vi que eram uns cégos, que, cercados de vasto juntorio de povo, entoavam cantigas dum nefando crime que acaba de suceder em Verin e cujas cênas estavam desenhadas num largo painel em grotescas figuras de berrantes tintas.

Ao passo que iam cantando, iam apontando as cenas do horripilante atentado com farta lamuria do povo que comentava indignado e até com lagrimas--tal a alma--a impressão que os cégos punham na plangente cantiga.

Copiei os versos. Tratam duma nova cêna de Golgota agora passada na terra galega, em que um novo Cristo foi crucificado com todas as cênas do historico acontecimento de Jerusalem. Tão apropriadas á presente quadra, mando-tas em logar das *Ventosas*.

Fala Deus p'la vóz dos cégos
que é vóz do povo a cantar,
vinde ouvir ó meus senhores
uma historia de pasmar.

Ai que grande e horrivel crime!
inda não houve outro assim:
Vinde ouvir ó meus senhores,
foi na vila de Verin.

Andava Cristo, *o pastor,*
dêsses montes pelas cristas
apascentando bondoso
as ovelhas couceiristas,

quando o demo, o porco sujo,
na figura dum pretor
deita as unhas ao Messias
e leva preso o pastôr.

Metem-no em negra prisão
e os seus juizes ferozes,
corações de pedra dura,
o mandam logo aos algozes.

Chora povo de aflição
que o Cristo *fôram matar*
e os algozes numa cruz
o deixaram a esticar...

P'ra o despreso ser maior
que se faz aos cidadões
inda o pregáram na cruz
entre as cruzes de ladrões.

Olha a sagrada familia,
lá está êl' despendurado!
chora povo, chora povo
que está o mundo acabado.

Duas Madalenas de Agueda
lá estão tambem ao pé dêle,
Nicodemo-Mijarêta,
e o Arimateia-Miguel.

O' povo de Portugal
se tu'alma quer's salvar
arrenega os farizeus
que o Cristo *fôram matar...*

* * *

Sessão da Comissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 28 de março de 1912.

Presidencia do cidadão dr. Luís de Brito Guimarães. Compareceram os vogaes Manuel Augusto da Silva, Pompilio Simões Souto Ratola, José da Fonseca Prat e Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, bem como o administrador do concelho, Antonio Maria Beja da Silva.

Lida e aprovada a minuta da acta anterior, foram presentes e deferidos os seguintes requerimentos, em todos os quaes se solicita licença e alinhamento para construção: de José Maria da Silva Bucho, de Aveiro; de Antonio Nunes Carlos Novo, de S. Bernardo; de João Tomaz Novo, da Oliveirinha e de Manuel Vieira Ferreira, de Eirol; e mais:

As petições das câmaras municipais de Estarreja e Ilhavo para entrada dos menores Maria da Trindade, filha de Antonio Rodrigues da Silva, do Paço, daquéla vila; e José, filho de José Fernandes Bagão, déste concelho, em conformidade com a respectiva tabéla.

O sr. presidente deu conta da fórma por que havia resolvido a questão da iluminação pública da cidade, durante o interregno da falta de carvão por virtude da gréve ingleza, fórma que, sem afectar os interesses da companhia, não prejudica os do municipio, pois se fez, de comum acordo, a redução de 40 0|0 no preço dos candieiros, aprovando a câmara essa resolução.

Foi ainda presente uma exposição dos povos de Cacia com respeito ao defeso da caça no concelho, exposição que, ouvidos tambem os interessados na pessoa do presidente do *Club Mario Duarte*, a câmara tomou na devida consideração.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 7 de Março

Devido aos esforços do sr. dr. Emilio Correia do Amaral, reuniu no dia 3 do corrente, pelas 9 1|2 horas da manhã, nas salas do *Gremio Literario Português* a assembleia geral da extinta *Liga Portuguêsa de Repatriação* afim de elegêr nova directoria e tomar contas á directoria que entregou o seu mandáto.

O tesoureiro, sr. José Fróes, apresentou o balanço geral da *Liga* desde 1 de novembro de 1908 a 29 de fevereiro de 1912, que deu o seguinte resultado:

Receita........	24:142$880
Gastos com repatriados, em n.° de 239........	19:060$500
Despezas ge ais...	3:633$100
Saldo em caixa...	1:449$280
Soma reis...	24:142$880

Fôram aprovados todos os actos da directoria passada.

Procedendo-se em seguida á votação, ficou eleita:

Directoria

Presidente: dr. Emilio Correia do Amaral; *vice-presidente:* Antonio Nunes Vitoria; *1.° secretario:* Alfredo Pereira; *2.° secretario:* Antonio Silva Junior; *tesoureiro:* Afonso Teixeira da Silva Guimarães; *vogais:* José Rezende do Rêgo, Jaime Pimentel, Augusto Alves Teixeira, Aloizio Guilherme Menezes Costa e José Rufino.

Assembleia Geral

Presidente: Henrique Eduardo Nunes dos Santos; *1.° secretario:* Antonio José Cerqueira Dantas; *2.° secretario:* Alvaro Fernandes Lisboa.

Conselho Fiscal

Domingos Rufino de Azevedo Mourão, Antonio Pereira de Abreu, Inácio Pereira Godinho, Manuel Valente Portovedro Junior, Manuel Ferreira da Silva Vizeu e José Rezende do Vale Junior.

Fôram, portanto, 239 as pessoas doentes e sem recursos que a *Liga* enviou para Portugal, sendo ainda maior o numero se a mesma *Liga* estivésse em actividade.

Não podêmos deixar de elogiar os esforços empregados pelo sr. dr. Amaral na reorganisação désta associação que tem por fim acabar com o acto vergonhoso dos nossos patricios andarem esmolando de porta em porta para poder transportar-se á mãe Patria o que ainda muitas vezes não conseguem.

As quotas mensais são apenas de 2$000 reis e oxalá que todos os portuguêses aqui residentes compreendam a importancia de tão humanitaria associação.

= Realizaram-se nêstes dois ultimos domingos algumas ascensões de aeroplano, proximo ao *Marco da Legua*, levadas a efeito com feliz exito, por um moço italiano. Ao local acorreu grande quantidade de pessoas para vêr e admirar os efeitos do progresso.

C.

Parnahyba, 22 de março

Abaixo a tutéla

Continuâmos firmes na campanha que iniciámos contra o actual vice-consul, porquanto o seu trabalho e auxilio á colonia não é nenhum, pelo que isto vai cada vez a peor. Senão vejâmos: residia nésta cidade um patricio nosso que achando-se doente e sem recursos para regressar á patria, se dirigiu ao vice-consul para que este o auxiliasse no que podésse porquanto era agente de companhias de navegação nacionais e estrangeiras ao que êle respondeu que em nada lhe podia valer.

Desconhecêmos por completo as razões que expôz nêste sentidoi mas estâmos convencidos que é de le, auxiliar todo o bom português patriota e bom republicano, como o era o nosso patricio Carlos Alberto.

Cértas pessoas piedosas, que pouco ou nada o conheciam, abriram uma subscrição para o transportar á Patria, vendo a situação em que se encontrava.

A subscripção rendeu 110 mil reis sendo 50 mil reis de 5 dos nossos colonos, e o restaute de diversos *brazileiros*—nossos *irmãos.* Uma vergonha para nós, a qual tive ocasião de presencear, pois foi o *prato do dia* em conversações. E' uma vergonha, repito, nós termos um representante da nossa grande e nobre nação, dêste calibre, um inconsciente, um inepto, emfim tudo quanto póde ser máu; a colonia não póde continuar a receber ordens dêste homem, porque não quer; odeia-o.

Como se vê Carlos Alberto com 110 mil reis fracos não podia regressar á Patria, mas nós como temos amôr aos nossos irmãos e sendo patriotas enviámos um oficio á direcção do Centro Republicano Português do Pará para que auxiliasse o nosso amigo em tudo quanto pudésse, etc., etc. O nosso vice-consul em Parnahyba repimpado na poltrona, vendo que um filho da nação que êle tão mal representa passa tanta amargura, fome e dôres. Com nada disso se importa nem remedeia como lhe cumpre.

Fóra com êle sr. ministro dos estrangeiros!

Zenith.

Guimarães, 27 de Março

O Patriota *jesuita—Visita academica—Salão Étoile—Varias noticias*

Publica-se nésta cidade um papelucho intitulado *O Patriota*, que tem como director o sr. Manuel José da Costa Guimarães (o Pio IX), que se diz independente, e tem em seus artiguinhos (pois a sua dimensão é de 32 cm.) atáca a Republica Portuguêsa implantada na manhã gloriosa do formoso dia 5 de outubro de 1910, enxovalhando o ilustre democrata dr. Afonso Costa e a sua lei de separação e defendendo a politica de atracção com toda a sua nojenta cambada *paivantina.*

Esse *dedicado republicano*, que após a proclamação do actual regimen se fez passar por isso, praticando as maiores avarias, arvora-se agora em monarquico para angariar assinaturas com que sustente o jornaléco, que traduz o ideal do sr. Tomaz Rocha dos Santos, antigo presidente duma congregação, em Santa Luzia, instituida pelos *honrados* companheiros de Torquemada e Loiola, e autor dos tais artigos *patrioticos.*

Actualmente está doente pelo que já o papel *não tem aquéla graça de que era dotado*, apesar de, de vez emquando, escrever o seu instantaneo.

Qualquer dia ser-lhe-ha feita justiça...

= A'manhã, 28, visitará o berço da nossa nacionalidade a academia do liceu central vilarealense, acompanhada do professorado, devendo chegar a esta cidade ás 11 horas, seguindo ao liceu onde lhe serão dadas as bôas-vindas pelos seus colégas daqui e visitando varios monumentos.

A' noite dará um espectáculo no teatro Afonso Heriques.

= No *Salão Etoile* afluiu na passada segunda-feira bastante gente a vêr a pelicula *Jerusalem Libertada*, havendo sessões permanentes.

= Anda em preparação um drama em 4 actos intitulado *Louca de amor*, original de quem isto escreve, de colaboração com Leão Martins.

= Não se realisou, como estava anunciado, o comicio promovido pelos empregados do comercio, para protestar contra a atitude do sr. governador civil e sobre a questão do retrato do ex-ditador, em virtude da proibição da autoridade administrativa.

= Encontra-se algo encomodado o sr. Antonio Coelho da Móta Prego, ilustre advogado nos auditorios désta comarca.

Desejamos-lhe melhoras.

= Encontra-se entre nós o nosso amigo Alfredo Guimarães, distinto dramaturgo residente na capital.

C.

Cacia, 2

Continúa o bom tempo havendo grande faina nos campos, que agora apresentam magnifico aspecto.

= E' esperado hoje á noite na sua casa de Sarrazola, vindo da capital, o nosso presado amigo, sr. dr. Marques da Costa, deputado por Oliveira de Azemeis.

=Casou ha dias com a sr.ª Rosa Pereira da Silva, o sr. Manuel Simões de Moura Junior, de quem fôram padrinhos os srs. José Marques Damião e Caetano Dias Quaresma.

Desejâmos muitas felicidades aos nubentes.

= Da Quintã do Loureiro partiram, respectivamente, nos meados do mez passado, para Sacavem e Santarem os nossos amigos srs. Albino Pereira Felix e João Simões dos Aidos.

= Ha anciedade em saber que destino será dado á subscrição dos nossos compatriotas do Brazil, visto que a verba subscrita de nada chega para a iluminação pública, melhoramento que a nosso vêr era dos de primeira necessidade na freguezia.

= Estêve entre nós, com curta demora, o 1.° sargento de infanteria 24, Celestino Batista da Silva, filho do nosso querido amigo e velho correligionario, J. J. Nunes da Silva.

C.

Castélo de Paiva, 1

Fartos de pedir justiça só dirêmos que tudo se encontra como dantes, senão peor.

Pancadaria, facadas, tiros e castigos dádos ás inocentes creanças, nas estradas públicas, com grande escandalo dos transeuntes, acompanhado tudo de palavrões ofensivos da moral pública, é o que está sucessivamente acontecendo, sem o mais pequeno movimento das respectivas autoridades!

= Dâmos os nossos parabens ao sr. dr. Ruéla pela sua nomeação de contador em Aveiro, sentindo a sua falta como oficial do registo civil nêste concelho, cargo que exerceu com toda a honra e caracter dum sincéro republicano.

Depois da sua substituição diremos alguma coisa, afim como da falta de justiça que se está observando nêste concelho.

C.

Pinheiro, 1

Em virtude dum parto laborioso encontra-se gravemente enferma no logar de Fontes, Alquerubim, a esposa do nosso bom amigo, Manuel Tavares Pereira Junior.

Desejâmos o seu rapido restabelecimento.

= Tambem vae experimentando alguns alivios, o nosso amigo Francisco Martins Sant'Ana, das Azanhas. Muito estimâmos.

= Faleceu em Calvães, Alquerubim, o sr. Manuel Martins, viuvo, na avançada edade de 72 anos. O seu funeral déve efectuar-se ámanhã.

= No visinho logar do Fial houve grossa pancadaría na terça-feira passada, sendo vitimas uns pobres moleiros de nome Francisco Arregada e mulher, constando que esta ficou muito mal tratada e com menos 5 dentes, com certeza tirados com algum murro. Além disso, tanto um como outro apresentam varios ferimentos pelo corpo.

Por emquanto não se descobriram os autores do atentado.

= Com a bonita edade de 101 anos, sepultou-se no cemiterio de S. João de Loure, a semana passada, o sr. Manuel Tamanqueiro.

Deixa netos e bisnetos. Que a terra lhe seja léve.

= Tem estado gravemente doente em casa da sr.ª D. Gra

mar e terra, e 3.° a todos os populares, que já a essa hora se encontravam pelas ruas, armados e animados pela esperança da victoria.

Admitindo que, com o primeiro impulso pudeésse abrir qualquer brecha entre os revolucionarios, inegavelmeente, em pouco tempo seria rodeado e absorvido por êles.

Indo mais longe e supondo que a 5.ª companhia poderia obstar ao desembarque dos marinheiros e que com os efectivos da 2.ª e da 1.ª companhias me fôsse possivel abrir brecha na Rotunda, como sustentar a situação de victoria, apenas com estes recursos?

Havia ainda a notar: que estavam cortadas as comunicações com o resto do país e que de aí não poderia vir, ainda mesmo inesperadamente, qualquer auxilio; que a artilharia de Queluz devia estar exausta de munições, pois me constava ter sido impossivel reabastecel-a; que em Alcantara se encontrava uma brigada imobilisada, mas que não duvidaría voltar-se contra mim; que das restantes forças da guarnição nenhum auxilio poderia esperar.

Tal era o quadro que se me apresentava!

* * *

Mesmo assim pensei em conjugar, ainda, os mens esforços com os do quartel general, e nêsse intuito para ali telefonei, ouvindo-me em parte o sr. major Vasco Martins, que atalhou a minha comunicação dizendo-me encontrar-se ali alguem da legação da Alemanha pedindo um armisticio, acrescentando que sua ex.ª o general mandava dizer que fôsse eu ao quartel general com o coronel Albuquerque.

Isto foi para mim o verdadeiro golpe mortal. O desanimo invadiu-me então por completo.

Como poderia ser respeitado esse armisticio no estado em que tudo se encontrava? Pelo contrario, sucedeu que os revoltosos o aproveitaram para se assenhorar das posições do Rocio.

Considerando indispensavel, em tão criticos momentos, a minha presença no quartel do Carmo, para evitar a sua invasão pelos populares e consequentes actos de desordem e indisciplina, disse ao sr. major Vasco Martins que pedisse a sua ex.ª o general me dispensasse de ali comparecer e que o coronel Albuquerque daria a minha opinião.

Extranho foi para mim tal chamamento nésta altura, em que todos consideravam a causa perdida, quando era certo que desde o inicio do movimento revolucionario nenhuma autoridade superior se lembrára de me consultar ou de pessoalmente dispôr de mim para qualquer serviço especial, vendo-me conduzido á méra condição de informador e transmissor de ordens, agarrado, durante duas noites e um dia, a cinco aparelhos telefonicos!

* * *

Imediatamente a seguir, e já dia claro, informa-me um dos

mo tempo era informado de que em S. Mamêde se viam revoltosos. Urgente se tornava impedir-lhes o passo.

Para este fim, mandei que algumas forças da 1.ª e 2.ª companhias avançassem quanto possivel sobre a praça do Paincipe Real, e utilisando 18 cavalos que tinha no Carmo, sob o comando do alferes Franco, determinei que este oficial fizesse um reconhecimento na direcção indicada, dizendo-lhe que procedêsse cautelosamente, com especialidade do largo de S. Mamêde em diante, pois me constava que por aí estavam as avançadas dos revoltosos.

Bem procedeu este oficial e com bravura, porque lêvou a sua investigação até aos pontos mais proximos da Rotunda, repelindo sentinelas de revoltosos e acrescentando no seu reláto que, se dipuzesse de um esquadrão, mais adiante iria.

Findo este serviço, incumbi-o de continuar as suas observações, tanto para os lados do Rato como para os do Caes do Sodré, a fim de haver conhecimento do desembarque dos marinheiros caso por alí se efectuasse.

Quanto a infanteria, essa pouco avançou, não indo além de S. Pedro de Alcantara.

Depois da meia noite comêçam a activar-se os fogos de artilheria, chegando-me noticias de que o combate se generalisaría e tornaría definitivo.

Então, do quartel general recebi ordem para mandar a 3.ª companhia e o 3.° esquadrão para o Campo de Sant'Ana a fim de conservar desembaraçada a zona Campo de Sant'Ana-bairro Camões e o 2.° esquadrão para o quartel general, salvo erro.

Ao transmitir-me esta ordem disse-me o chefe do estado maior ser necessario conservar limpa não só a zona indicada como a de S. Pedro de Alcantara-Rato, encarregando-me de, com os poucos recursos de que dispunha e com cavalaria 2, fazer ocuparar esta ultima zona.

Para cumprimento désta ordem mandei saír o regimento de lanceiros e ordenei á infanteria que, a coberto da cavalaria, avançásse quanto pudesse.

A metralha que já rebentava sobre o Carmo e S. Pedro de Alcantara, ia progressivamente aumentando de intensidade.

Aproximando-se o amanhecer, o regimento de lanceiros voltou a entrar no Carmo, informando-me o comandante de que não podia sustentar-se nas ruas, onde a metralha caía quasi sem cessar. Ao mesmo tempo, um oficial de infanteria me vinha prevenir do mesmo por parte do comandante das forças. A este oficial ordenei que se sustentasse nas suas posições, abrigando-se com as casas e evitando, assim, o serem atingidos pela metralha.

* * *

As minhas comunicações, principalmente com o quartel general,

cinda Leite, de S. João de Loure, o laureado academico do liceu de Coimbra, nosso amigo Antonio Dias Leite. Que se restabeleça em breve, são os nossos ardentes desejos.

=Deve inaugurar-se brevemente o retrato do dr. Manuel de Arriaga na escola primária do nosso logar.

Abrilhantará a festa a reputada banda *Velha-União*.

C.

Vila da Feira, 1

O complot de Argoncilhe

A comissão politica da freguezia de Argoncilhe resolveu por proposta do seu presidente, João Carlos Pereira de Amorim, em sessão extraordinaria do dia 28 do mez findo, exarar na acta um voto de louvor ao ex.^{mo} governador civil do distrito, representádo pela pessoa insubstituivel do sr. dr. Mélo Freitas, pelo modo activo e inteligente como se houve na sufocação do *complot* reaccionário de Argoncilhe, a que o sr. administrador do concelho teria obstado, se não fôsse condescendente em demasia. Não póde este povo viver mais em paz, se não retirarem daqui, com novo castigo, o paroco, e prenderem mais curto um outro carola, e dois predialistas com seus ajudantes, pois são estes os verdadeiros instrumentos de toda a desordem, furiosos como andam por se lhes tirar a gaméla do produto do suor dum povo.

Fôram estes figurões que excitaram as fanaticas e estupidas mulheres á desordem e desrespeito ao regimen e suas autoridades, pagando a 6 e 12 mulheres de 100 a 200 reis e de comer para fazerem a arruaça que se viu.

Uma infamia.

C.

Arada, 1

O estudante *talassa* Ernesto Vidal, que é um dos dirigentes da comitiva do padre Pato & C.ª, não se cança de desprestigiar a Republica e as suas leis. Agora deu em andar a fazer conferencias pelos tascos enaltecendo a talassaría e o paivantismo. Diz o *heroe* que ainda hade haver ás mãos um cérto n.º de *O Democrata* em que é visado o padre Pato e seus acolitos e que êle, na qualidade de amigo do padre, hade com esse n.º entrar na sua redacção e quebrar a cara ao seu director e ainda virar-lhe a farmacia de baixo a cima.

Já é ter fôrça e... máu vinho...

=Veio fixar residencia cá na parvonia (Verdemilho) o ex-prior da freguezia do Trovíscal, o celebre boateiro contra o regimen e que ha dias respondeu por tal proesa, no tribunal do Porto, ficando condenádo em 30$000 reis de multa, custas e sêlos do processo.

=Ha aqui uma comissão de individuos que se destina a angariar donativos para pagar ao padre capelão do logar. Ora essa comissão, a nosso vêr, não póde, obrigar qualquer cidadão a pagar para o padre.

Mas não se dá isso com alguns dos seus membros, que quando alguem se recusa a pagar as colétas por êles exigidas, os insultam e ameaçam com o inferno, chamando-lhes *maçons e republicanos*.

Que sugeitos! E não haverá meio de pôr termo a estes abusos?

=A passar as férias da Páscoa em companhia de sua familia, está na Quinta do Picado o nosso presado amigo Duarte Lebre, aplicádo estudante do Instituto Industrial de Lisboa.

C.

Ois da Ribeira, 3

A nossa ultima correspondencia fez com que o grande correspondente cá da terra faça mil conjecturas sobre a sua situação.

Não nos admira o facto por que conhecêmos o homem desde a sua meninice. E então é duma cobardia, digo, duma coragem inegualavel; ainda ha dias uns individuos bem seus amigos lhe disséram que os seus escritos eram uma verdadeira vergonha, não só para o jornal que os publicava, mas para o seu autor!

Pois não sabe o leitor a resposta dêste tresloucado? Que as suas correspondencias só eram bem aceites pelo povo. E diz isto com uma certa convicção, como no tempo em que êle andava com o *Pulha de Aveiro* na mão mostrando a diversos as babozeiras que escrevia.

Caracter dubio, não sustenta ámanhã o que disse hoje. Ha dias afirmava a um amigo nosso, que t nha forças para sustentar uma polemica comnosco; no dia seguinte diz ao mesmo amigo que não nos responderia e ontem afirma de novo que nos ia responder, desejando questionar comnosco sobre... agricultura.

Lamentâmos não o poder acompanhar na tão patriotica como nenecessaria questão que tão grandes beneficios traria para a nossa terra.

Pobre diabo que te não conheces!...

=Faleceu em Agueda o nosso velho amigo sr. Augusto Martins. O seu enterro, ao qual assistimos, foi muito concorrido.

A' familia enlutada os nossos pezames.

=Os *paivantes* daqui tem andado muito satisfeitos; mas agora vendo apagar-se-lhes as esperanças andam casmurros.

Câmara Municipal de Aveiro

Serviço de conservação

FAZ-SE publico que no dia 25 de abril, pelas 12 horas, na secretaría da câmara e perante a respectiva comissão, se recebem propostas, em carta fechada, para o fornecimento de pedra britada, posta nos logares seguintes ou em alguns dêles: Aveiro, (Fonte Nova); Aradas, (Malhada de S. Pedro); Verdemilho, (Malhada de Ourô); Cacia, Eixo e Eirol.

Nas propostas dévem vir indicádos a quantidade de pedra que póde ser fornecida, as condições, e o preço por metro cubico.

O deposito provisório será de 5$000 reis, e as guias para o efectuar serão passadas na secretaría até ás 15 horas do dia 24 de abril.

A importancia do depsóito definitivo é de 5 °|₀ do preço da adjudicação.

A base de licitação por metro cubico é de 700 reis.

As condições especiais estão patentes na secretaría municipal, em Aveiro, em todos os dias uteis, desde as 10 ás 15 horas.

Aveiro, 28 de março de 1912.

O presidente da câmara,

Luis de Brito Guimarães.

14

cada vez se tornavam menos acessiveis, e era com grande dificuldade que de aí obtinha respostas, instruções, etc.

Por estes motivos e por outras informações de ocasião que não me ocorrem para citar, eu vi que o desanimo das forças leais se ia tornando bastante manifesto.

Fiel interprete e mantenedor da disciplína, nunca me passou pela mente, durante o periodo revolucionario, tomar deliberações que não fossem consequencia das ordens do comando da divisão a quem me achava subordinádo; mas nêste momento, vendo por assim dizer perdida a causa, lembrei-me de tomar algumas medidas para oportunamente as empregar, independentemente de subordinação á autoridade superior.

Tornáva-se principalmente necessario impedir o desembarque dos marinheiros que, segundo as minhas informações, deviam reunir um efectivo muito superior a 1:000; e constando-me que nenhuma força do exercito se achava incumbida de tal serviço, pensei entregal-o á 5.ª companhia.

Para arremeter contra a Rotunda contei reunir a maior força, que nunca poderia exceder 180 homens da 1.ª e 2.ª companhias e pedi ao comandante de lanceiros qua mandássse apear as praças do seu regimento para combate a pé.

* * *

Vinha amanhecendo. Dos Loios sou prevenido de que os marineiros estavam efectuando o desembarque, o que consigo comunicar, não sem dificuldades, ao quartel general.

A' 5.ª companhia, que se achava incumbida de guarnecer o Banco de Portugal e os Correios, determinei que, sem desguarnecer aquêle estabelecimento de credito, procurásse opôr-se ao desembarque dos marinheiros.

Respondeu-me o comandante da companhia ser-lhe isso impossivel, porque via assestada sobre o Terreiro do Paço e imediações a artilharia dos navios revoltados e o efectivo de que dispunha era insuficiente.

Apesar déstas observações, insisti no cumprimento da ordem dada.

Notando cada vez maior confusão e assentuando-se a dificuldade de comunicações com o quartel general, vi claramente a aproximação do momento critico e tomei disposições sobre o movimento de que pensava realisar com lanceiros e as duas companhias de infanteria.

Não tardou, porém, que as forças de lanceiros recolhessem de novo ao quartel do Carmo e, com élas, o comandante da 1.ª companhia de infanteria, apresentando-me soldados feridos e dizendo-me que um tinha sido morto.

No Carmo acentuava-se o desanimo. O comandante de lanceiros

15

diz-me ser insustentavel a posição que lhe havia indicado, porque a metralha era cada vez mais violenta.

* * *

Atordoado com todas estas informações, penso ouvir os oficiais que me rodeavam. Ao tenente Wanzeller de cavalaria 2, oficial que sempre considerei destemido e arrojado, me dirigi com o olhar, dizendo-me êle, antes de que eu tivesse tempo de formular qualquer pergunta, pouco mais ou menos o seguinte:

—«O que acaba de dizer a v. ex.ª o meu comandante (coronel Albuquerque) é a verdade. Nós vamos ser todos aqui sacrificados inutilmente; não temos meios de resistir e o que nos resta é a rendição. Posso falar assim porque já mostrei que não tenho mêdo».

Replíco:

—«Quero ouvir o alferes Franco.»

Resposta do tenente Wanzeller:

—«Escusa v. ex.ª de o chamar; está ali fóra. E' da mesma opinião».

A meu lado, se a memoria me não falha, o tenente-coronel de reserva Brito e Cunha diz-me:

—«Resigna-te! Tens que conformar-te.»

Este oficial, que me acompanhou nos ultimos momentos que precederam a rendição, por diversas vezes me repetiu frases com que procurava animar-me, para que aceitasse os factos como realmente êles se apresentavam.

Outro oficial fala do perigo a que estão espostas as familias residentes no Carmo. Aos outros, presentes, desnecessario era interrogal-os: no olhar lhes lia bem o que lhes ia na alma. Nenhuma objecção tiveram por conveniente fazer.

Apesar de tudo isto, a ideia de uma rendição tornava-se na minha mente inadmissivel mas a situação que se me apresentava era terrivel. Além do que fica exposto ponderei o seguinte:

Eu podería dispôr da 1.ª, da 2.ª e da 5.ª companhias incompletas, o que viria a dar-me um efectivo de 240 a 250 homens na melhor das hipoteses. De cavalaria, apenas tinha o jà referido pelotão de 18 cavalos.

A 6.ª e 4.ª companhias achavam-se encravadas na brigada inactiva de Alcantara; a 3.ª estava no Campo de Sant'Ana ou bairro Camões, para onde não podia comunicar; o primeiro esquadrão encontrava-se no Beato; o 3.º devia estar junto com a 3.ª companhia; o 4.º andava por Beirolas; do 2.º ignorava o paradeiro.

Com a diminuta força fatigada e mal mantida, de que dispunha, tinha de fazer frente: 1.º a mais de de 1:000 marinheiros, folgádos e certamente bem alimentados a bordo; 2.º aos fogos de artilharia de